

AVALIAÇÃO DAS INTERVENÇÕES COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Flávio França

Tutor Externo: Carlos Magno V. da Silva

Professor: Celio Antonio Sardagna

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED 0169) – Prática do Módulo II

15/06/2013

RESUMO

Contar uma história é o meio mais antigo de propagação de conhecimento. Por meio desta prática é possível contribuir na formação de leitores, no estímulo à criatividade e à imaginação das crianças. Os desenhos produzidos por crianças são importantes registros dos seus raciocínios em desenvolvimento. A contação de histórias e a produção de desenhos são duas atividades muito relacionadas, pois, ao contar uma história, imagens são produzidas nas mentes das crianças, e ao serem estimuladas a produzir desenhos após a exposição a alguma história, os desenhos virão impregnados destas imagens, levando o ouvinte a apropriar-se da história. Entre 2010 e 2012 foram realizadas atividades de contação de histórias, visando oferecer alternativas didáticas para o ensino de Português. Como resultado dessas atividades, os alunos produziram desenhos. O presente trabalho tem como objetivo a análise dos desenhos produzidos durante atividades de contação de histórias, realçando como se dá a expressão do pensamento infantil e propondo abordagens para o tratamento destes pensamentos em sala de aula. Os desenhos foram digitalizados. A temática principal dos desenhos foi identificada. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o tratamento de cada uma das temáticas identificadas: Violência, Família, Amor, Profissão, Abstrações, Escola, Influência da Televisão, Consumismo. Observa-se como uma atividade didática realizada de forma planejada dentro da sala de aula pode levar a insights importantes sobre as próximas atitudes a serem tomadas para atingir os objetivos educacionais. Os desenhos revelam uma ampla variedade de preocupações dos estudantes e tudo isso fornece elementos aos professores para buscarem práticas motivacionais nas suas aulas.

Palavras-chave: Didática. Contação de Histórias. Desenhos Infantis.

1 INTRODUÇÃO

O ato de contar uma história é o meio mais antigo de propagação de conhecimento. Antes do advento da escrita, essa era a única forma que os aglomerados de famílias tinham para eternizar suas histórias, suas lendas, mitos e crenças religiosas. Talvez este hábito tão antigo esteja no cerne do fascínio que

causa às crianças uma história bem contada.

Por meio desta prática, executada em escolas de Ensino Fundamental, é possível contribuir de forma significativa na formação de leitores, no estímulo à criatividade e à imaginação das crianças (PIRES, 2011).

Os desenhos produzidos por crianças

são importantes registros dos seus raciocínios em desenvolvimento, levando aos adultos como elas estão vendo o mundo que as rodeia. Aqueles que estão ainda nas fases iniciais do aprendizado da escrita sentem-se inseguros com esta forma de expressão de seus pensamentos e podem usar os desenhos para expressá-los. Essa compulsão ao desenho como expressão das reflexões íntimas tende a decrescer na medida em que se aproxima a adolescência (BARBOSA-LIMA; CARVALHO, 2008).

A contação de histórias e a produção de desenhos são duas atividades muito relacionadas, uma vez que, à medida que a história se desenrola, imagens são produzidas ou lembradas nas mentes das crianças. Ao serem estimuladas a produzir desenhos após a exposição a alguma história, ficcional ou não, os desenhos produzidos virão impregnados destas imagens, levando o ouvinte a sentir-se um pouco autor, apropriando-se da história.

No caso da experiência da contação de histórias, as palavras proferidas pelo contador são como linhas desenhadas pelo ar. Enquanto o contador liberta as palavras presas no texto, o ouvinte, leitor indireto do texto narrado, vai criando e interpretando os desenhos, adentrando-se em um mundo mágico e tornando-se coautor da história. (RAMOS, 2011, p. 28).

Entre 2010 e 2012 foram realizadas, na Escola Irmã Rosa Aparecida (Dispensário Santana, Feira de Santana, BA), atividades de contação de histórias, visando oferecer alternativas didáticas para o ensino de Português (CORREIA et al., 2010; SANTOS; FRANÇA, 2012). Como resultado dessas atividades, os alunos produziram desenhos relativos aos temas apresentados.

Na atividade realizada em 2010, capitaneada pela então estudante de Licenciatura em Letras Neilma Correia, foi lida a história “Retetêú”, de Elsie Brum (1992). Em seguida foi pedido que os alunos fizessem desenhos sobre os seus sonhos para o

futuro. Os resultados da atividade foram apresentados em congresso (CORREIA et al., 2010). Na atividade de 2011, depois da leitura de uma versão da fábula “A Raposa e a Cegonha”, de Esopo (1994), foi solicitado que os alunos produzissem frases relacionadas com a moral da fábula e depois que escolhessem uma das frases para ser ilustrada. As frases escolhidas relacionavam-se com violência e agressividade. Os principais resultados dessa atividade foram publicados em Santos e França (2012).

O presente trabalho tem como objetivo a análise dos desenhos produzidos durante atividades de contação de histórias, realçando como se dá a expressão do pensamento infantil e propondo abordagens para o tratamento destes pensamentos em sala de aula.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Os desenhos produzidos nas atividades de contação de histórias de Correia et al. (2010) e Santos e França (2012) foram digitalizados. Em seguida, a temática principal dos desenhos foi identificada.

Depois se realizou uma pesquisa bibliográfica sobre o tratamento de cada uma das temáticas relacionadas extraídas dos desenhos em sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As duas atividades produziram 141 desenhos. Foram relacionados os seguintes temas oriundos da análise dos desenhos produzidos nas atividades de contação de histórias acima referidas: Violência, Família, Amor, Profissão, Abstrações, Escola, Influência da Televisão, Consumismo.

3.1 VIOLÊNCIA

Vários desenhos apresentados vinham com demonstrações de violência e agressividade por parte dos estudantes.

De fato, a violência escolar é uma temática muito divulgada pelos meios de comunicação e também significativamente enfocada em estudos acadêmicos. A violência na escola se expressa tanto pelas vias de fato, transformando os períodos de folga entre as aulas (o “recreio”) em verdadeiras batalhas campais, em que as crianças se agridem de forma gratuita num contexto de brincadeira e jogo.

FIGURA 1- DESENHO MOSTRANDO A VIOLÊNCIA.



FONTE: Os autores

A violência observada nas escolas está relacionada a diversos fatores. Um deles é o fato de a escola materializar aspectos opressores e estressantes da modernidade, como a organização imposta e a burocracia. O comportamento violento é:

como resposta à angústia decorrente do anacronismo da instituição (conservadora por essência) com um tempo (a pós-modernidade) que carrega consigo a marca da mudança e do mal-estar como constitutivos de sua identidade, lidamos com sujeitos (adolescentes e/ou jovens na condição de alunos) que se encontram em um momento do ciclo da vida, têm as mesmas marcas da pós-modernidade e que, pelo momento em que constituíram a sua discursividade, questionam a

escola. (EVANGELISTA, 2012, p. 52).

A violência escolar caminha numa escalada aparentemente desenfreada e o professor é, muitas vezes, identificado pela sociedade como aquele que está na primeira linha do enfrentamento deste problema, contudo observa-se certa apatia do profissional de ensino de uma forma geral. Esse sentimento de desânimo dos docentes das escolas públicas pode ser associado à síndrome de Burnout, caracterizada pela exaustão física e emocional, irritabilidade, ansiedade e tristeza, perda do entusiasmo e criatividade, diminuição da simpatia e distanciamento dos alunos, perda do otimismo e frustração. Vítima desta síndrome,

o professor acaba por também gerar violência, a partir de sua hostilidade a tudo e a todos na escola (EVANGELISTA, 2012). Ou seja, o enfrentamento da violência escolar passa não só por uma efetiva ação na classe discente, mas, sobretudo, numa melhoria significativa das condições de trabalho docente, cuja melhoria salarial é apenas a ponta de um *iceberg* que tem levado a pique as políticas educacionais implantadas nos últimos anos.

Fenômenos como a disseminação do uso de drogas, a tendência à formação de gangues e a facilidade ao acesso a armamentos, associados ao fato de que as escolas estão passando por um processo de desvinculação da comunidade, fizeram com que as escolas deixassem de transmitir uma sensação de segurança para alunos e professores.

As medidas contra a violência escolar passam por:

Realizar diagnósticos e pesquisas para conhecer o fenômeno em sua forma concreta, conseguir a legitimação pelos sujeitos envolvidos (o que pressupõe a participação da comunidade escolar) e fazer um monitoramento permanente das ações nas escolas. A prevenção é fundamental. Uma das premissas

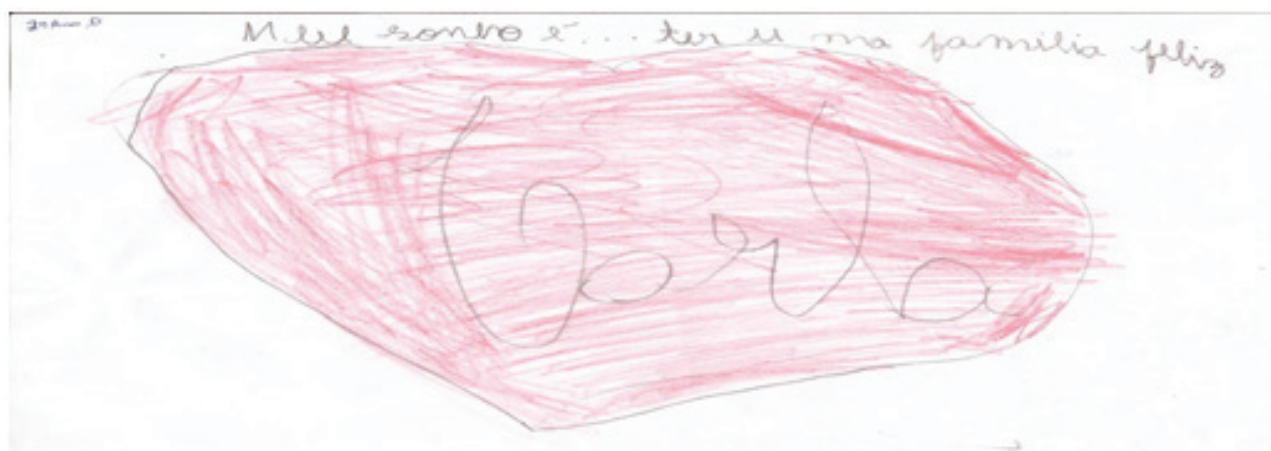
para se conseguir isso é relacionar conhecimento sensível, ético, valorização do jovem, criação de um clima agradável e participativo, com conhecimento especializado e transdisciplinar, bem como análises sobre segurança pública e segurança escolar. Deve-se, enfim, assumir a importância da construção de uma cultura de paz baseada na tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais [...] e que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a segurança, como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 50)

3.2 FAMÍLIA

A importância da família para o desenvolvimento do indivíduo é óbvia, pois é com a família que ele conhecerá o mundo externo, que ele aprenderá pelo menos o rudimento da linguagem e absorverá as tradições culturais e éticas da comunidade.

Os desenhos produzidos a partir das atividades de contação de histórias revelam que a constituição de uma família é um dos grandes anseios da juventude.

FIGURA 2 - DESENHO REFERENTE AO ANSEIO PELA FAMÍLIA



FONTE: Os autores

A parceria entre a família e a escola é essencial para a formação da criança. Esta parceria é incentivada até pela legislação: “[...] apesar de serem dois mundos distintos, ambos têm a responsabilidade de educar as crianças, sendo que esta educação será mais eficaz quão mais em sintonia estiverem”. (SANTOS, 2009)

Contudo, o que se observa é o gradativo distanciamento entre as duas instituições.

Numa perspectiva histórica, a aproximação da família com a escola tem sido tentada há muito tempo. Na transição do século XIX com o século XX, esta integração revestia-se com os preceitos positivistas, impregnando a escola com ideologias que estão na base do Estado Novo getulista (CAMPOS, 2011).

O fato é que o conceito de família modificou-se e expandiu-se. Hoje, temos, além da família tradicional (pai, mãe e filhos, heterossexual, monocultural), famílias formadas por pais divorciados, por pais

homossexuais, famílias multiculturais etc. Essa complexidade é reunida na escola, que precisa aprender também a expandir-se.

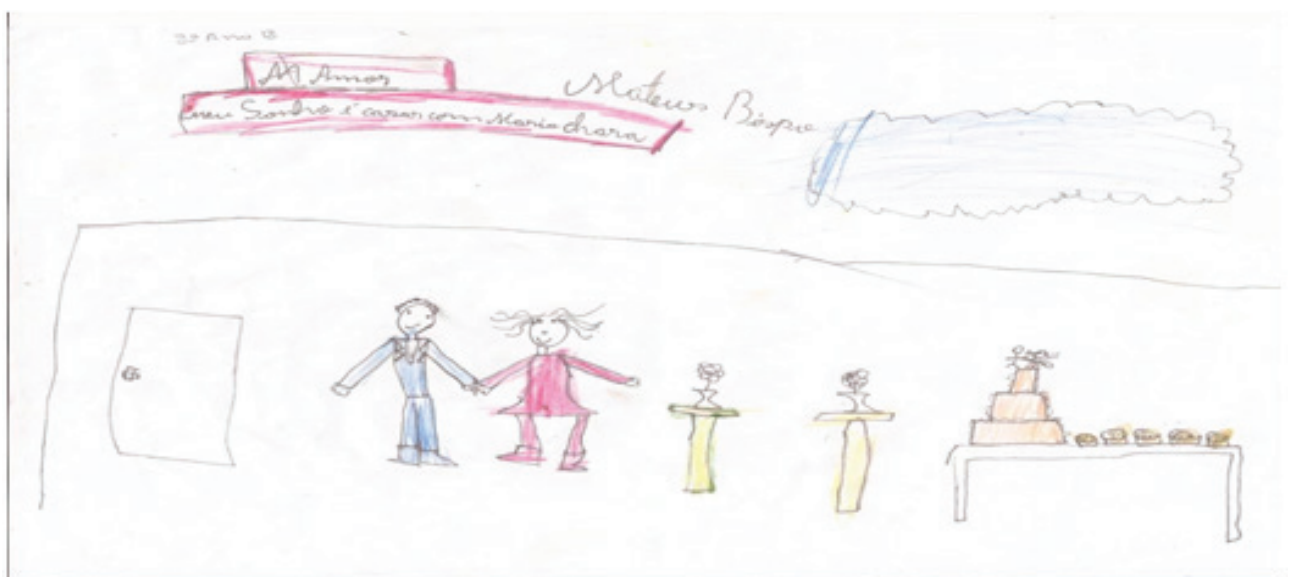
O maior problema do distanciamento das duas instituições está nas características da vida moderna, em que os pais não mais se dedicam à educação dos filhos, deixando toda responsabilidade à escola. Para Fraiman (1997), esse distanciamento está profundamente relacionado aos meios de comunicação de massa e na desvalorização tanto de professores como alunos, além da omissão dos pais.

3.3 AMOR

A temática do amor tem uma relação contraditória com a escola. Apesar de todo o pensamento cristão admitir intrinsecamente que apenas através do amor o ser humano conseguirá realizar-se com plenitude, na escola a temática é evitada e até mesmo proibida, como prejudicial ao conhecimento objetivo (DELLA FONTE, 2007).

Mesmo entre crianças tão jovens, o amor já está presente no seu cotidiano.

FIGURA 3 - DESENHO SOBRE AMOR



FONTE: Os autores

Contudo, o ensino do amor, nas suas versões mais cruamente biológicas, despido de preconceitos e mitos, tem se mostrado urgente, inadiável. Desde o advento da SIDA, uma doença (ainda) incurável transmitida principalmente através do ato sexual, passando pelo persistentemente elevado índice de adolescentes grávidas, discussões sobre hábitos sexuais passaram a ter cadeira cativa na escola.

Mas é a escola o melhor lugar para discutir as nuances temáticas que envolvem o amor? Ou será o amor uma coisa totalmente dependente de nossa personalidade e a escola tem muito pouco a contribuir, como afirma Aires (2009)?

A repressão ao amor na escola é desnecessária; pelo contrário, esta mesma escola precisa dedicar-se ao ensino realista e desprovido de preconceito. Os estudantes precisam estar informados sobre o desejo sexual (que tanto sentem), sobre prazer (que tanto procuram), sobre a gravidez e a responsabilidade da paternidade (que tanto temem) e, principalmente, sobre a formação

da família, que só se justifica através do amor.

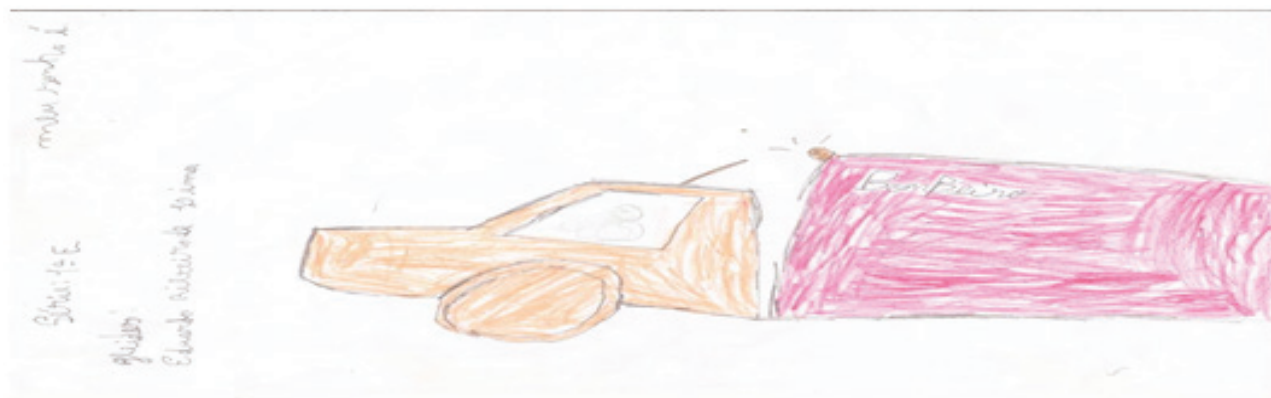
É a escola o ambiente ideal para juntar todas essas informações de maneira positiva. Através da correta escolha de literatura sobre o assunto, através do treinamento de profissionais especializados nesse tipo de aprendizagem, com a aquisição de equipamentos didáticos apropriados e, principalmente, do tratamento não repressor, não preconceituoso aos relacionamentos amorosos que se formam na escola.

3.4 PROFISSÃO

Talvez a escolha profissional esteja entre os anseios mais associados ao fato de se levar um jovem para a escola. Quando se fala que uma pessoa precisa estudar, o principal motivo deste estudo é, muitas vezes, a aquisição de uma profissão que faça esta pessoa ter uma vida decente.

Quando as crianças querem representar seus sonhos, o que aparece, na maioria das vezes, é uma profissão.

FIGURA 4 - DESENHO SOBRE PROFISSÃO



FONTE: Os autores

Geralmente preocupa-se com a escolha profissional apenas na adolescência, mas este anseio já é detectado nas fases mais iniciais do Ensino Fundamental. “A escolha profissional é um processo evolutivo que, se realizado de forma consciente e planejada, interfere positivamente na qualidade de vida” (LAMAS et al., 2008, p.62).

A orientação profissional deve acontecer na sala de aula com a participação dos professores e não apenas ficar ao encargo de psicólogos especializados no estudo da vocação profissional, de forma que seja tratada como um tema transversal ao currículo escolar (LAMAS et al., 2008).

Além disso, o binômio trabalho-profissão é tão central na vida da pessoa, que ele deve ser trabalhado desde o Ensino Fundamental, para que a criança entre em contato com questões como a diferença entre valor monetário e valor intrínseco, a necessidade de conhecimento técnico para exercer uma profissão e, principalmente, estimulando o aluno para que ele conheça suas aptidões.

3.5 ABSTRAÇÕES

Alguns desenhos realizados pelos alunos são apenas riscos aparentemente aleatórios, não sendo possível relacioná-los a uma temática específica. São abstrações:

A criança é capaz de abstrações simples, mas ainda não possui condições para o que ele chama de abstração reflexivante. Grosso modo, as abstrações simples são feitas a partir das características empiricamente observáveis, enquanto as abstrações reflexivantes exigem estabelecer relações entre os objetos. (WHITAKER et al., 2002, p. 30).

O desenho deve ser visto como uma forma de pensamento, que estimula a exploração de um universo imaginário. Dentro desse universo, o desenhista generaliza a realidade e também produz abstrações. O desenho é uma linguagem privilegiada que permite uma grande liberdade de criação de formas, semioticamente, realizando a mais elementar relação entre significante e significado (PEREIRA, 2006).

FIGURA 5 - DESENHO ABSTRATO



FONTE: Os autores

3.6 ESCOLA

Nos desenhos apresentados, a escola, às vezes, indistinguível do lar, é muitas vezes representada.

FIGURA 6 - DESENHO REPRESENTANDO A ESCOLA



FONTE: Os autores

A escola representada pelos alunos em seus desenhos relaciona-se com a visão que se tem dela quando vista por dentro. Contudo, ao contrário de professores, diretores e pais, que são incapazes de perceber a relação do que fazem e os resultados que alcançam (OLIVEIRA; SCHWARTZMAN, 2002), os desenhos infantis refletem a realidade escolar sempre comparada com sua própria casa.

Mesmo assim, a percepção da escola, quando pesquisada a partir dos alunos, é positiva tanto em relação às abordagens pedagógicas como em relação aos professores (DIAS, 2007).

3.7 TELEVISÃO

O senso comum geralmente coloca a televisão em lado oposto ao da escola. Atribuem à televisão o fato de os jovens preferirem a leitura, a relativização da cultura nacional em torno do eixo-Rio-São Paulo, o incentivo ao consumismo etc. Contudo, da mesma forma que a televisão seduz, é possível fazer uma escola mais sedutora. Da mesma forma que a escola ensina, é possível ensinar e promover valores sociais positivos através da televisão (ROCCO, s/d).

É indiscutível que a televisão é uma referência importante para crianças que ainda estão em processo de domínio do idioma.

FIGURA 7 - ILUSTRAÇÃO REFERINDO-SE A DESENHO ANIMADO POPULAR ENTRE AS CRIANÇAS TRANSMITIDO PELA TELEVISÃO ABERTA



FONTE: Os autores

A discussão sobre os malefícios da televisão ao correto aprendizado da juventude parece estar ultrapassada. Primeiramente, pelos longos anos de transmissão de programas educacionais de alta qualidade, passando pelos canais governamentais aprofundando discussões pedagógicas relevantes para condução das atividades escolares. Segundo, pelo surgimento das instituições de ensino a distância, que usam amplamente a televisão ou os padrões impostos pelos programas televisivos. Hoje, a discussão desses “malefícios” deslocou-se para o uso excessivo do computador, mais especificamente da rede mundial de computadores (internet).

Atualmente, há um esforço para a inserção dos conteúdos de programas de televisão no processo de ensino-aprendizagem. Estes programas são exibidos na sala de aula, buscando dessa forma motivar os estudantes, apresentando resultados satisfatórios. impostos pelos programas televisivos. Hoje, a discussão desses “malefícios” deslocou-se para o uso excessivo do computador, mais especificamente da rede mundial de computadores (internet).

Atualmente, há um esforço para a inserção dos conteúdos de programas de televisão no processo de ensino-aprendizagem. Estes programas são

exibidos na sala de aula, buscando dessa forma motivar os estudantes, apresentando resultados satisfatórios.

A televisão ocupa hoje um lugar de destaque na vida das crianças, por isso é preciso pensar no espaço que ela pode ocupar na escola. Desta maneira, cabe às instituições de ensino pensar em incluir o material veiculado pela televisão como mais uma fonte de estudo. Sendo assim, ela, que em muitas salas de aula é tratada tão somente como um eletrodoméstico, cujo elevado potencial pedagógico/comunicacional é amplamente negligenciado, poderá fazer parte do contexto dos mais variados assuntos, capaz de promover, inclusive, uma maior aproximação entre educadores e educandos, uma vez que ambos possuem em comum algum tipo de interesse pelos conteúdos televisivos. (NUNES et al., 2009, p.13)

3.8 CONSUMISMO

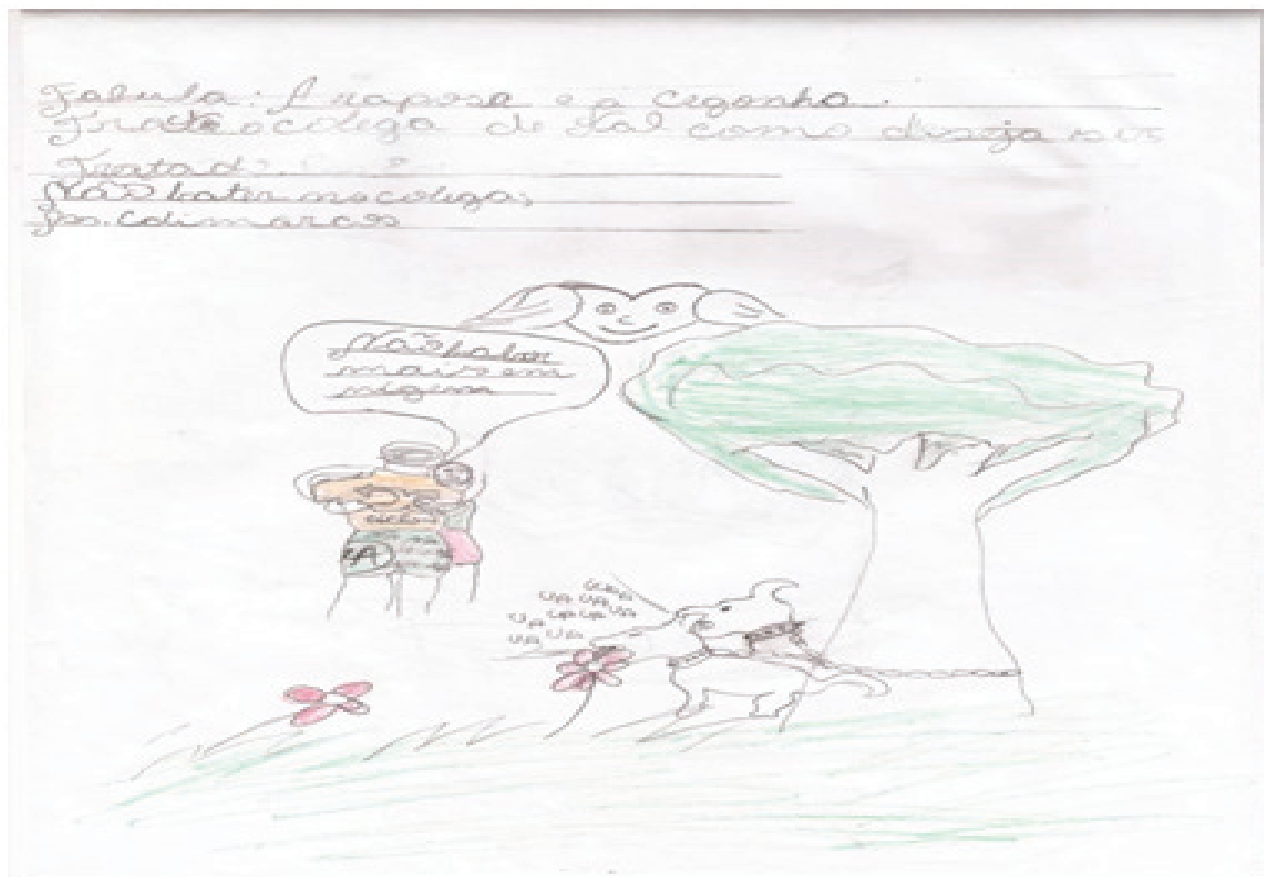
Um dos nomes que se poderia dar à era atual é “era do consumo”, pois muitas economias, inclusive a nossa, têm se baseado no consumismo. Durante a crise imobiliária estadunidense, que arrastou o mundo para uma profunda depressão, da qual ainda existem reflexos exasperantes, o presidente dos Estados Unidos foi para a televisão pedir que as pessoas consumissem para ajudar a

tirar o país da enrascada. Aliás, o invejável desempenho da economia brasileira nesse mesmo período foi mantido devido ao aquecimento do consumo interno.

Então existe um consumismo bom e um consumismo ruim. Qual é a diferença? O consumo bom deve estar relacionado à produção, ao aumento de qualidade, à necessidade. O ruim está relacionado ao desperdício, ao endividamento.

Os desenhos feitos pelos alunos mostram um grande desejo de aquisição de produtos como carro, casa, roupas. Algumas marcas são citadas diretamente, como a “Ciclone”. Esta marca está relacionada aos bandidos da criminalidade urbana. A lógica é a seguinte: o jovem cai na criminalidade e através desta consegue recursos para consumir; os produtos da “Ciclone” são muito procurados por esta fatia da sociedade. A juventude ainda desprovida de recursos vê nesta marca um símbolo de redenção social e isso chega a ser expresso, no caso, nos desenhos escolares.

FIGURA 8 - DESENHO COM REFERÊNCIA À MARCA “CICLONE”



FONTE: Os autores

Estudos mostram que o consumo de itens escolares (tais como uniforme, calçado, materiais escolares, mochilas, acessórios e alimentação) vai além da utilidade, “criando signos para as crianças e para os grupos de referência” (SOUZA JUNIOR, 2009).

A responsabilidade por diferenciar o bom consumo do mau consumo está na escola, contudo, o ensino básico de economia é largamente ignorado nas escolas, levando os alunos a um consumismo desenfreado, fortemente influenciado pelos meios de comunicação. Alguns autores tentam contornar essa ausência com obras paradidáticas, como Ferreira (2013), mas, apesar da altíssima relevância do tema, este assunto não é trabalhado de forma regular para render um aprendizado aproveitável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi exposto, observa-se como uma atividade didática realizada de forma planejada dentro da sala de aula pode levar a *insights* importantes sobre as próximas atitudes a serem tomadas para atingir os objetivos educacionais.

Os desenhos revelam uma ampla variedade de preocupações dos estudantes com seus futuros profissionais, mostram seus anseios amorosos, seus desejos de consumo. Tudo isso fornece elementos aos professores para que busquem práticas motivacionais nas suas aulas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/PITÁGORAS, 2002.

AIRES, J. **O amor não se aprende na escola**. Alfragide: Editora Caderno, 2009.

BARBOSA-LIMA, M. C.; CARVALHO, M.

P. O desenho infantil como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciências**, v. 7, n. 2, p.337-348, 2008.

BRUM, E. **Retetêú**. Blumenau: Eko, 1992.

CAMPOS, A. R. Família e escola: um olhar histórico sobre as origens dessa relação no contexto educacional brasileiro. **Vertentes** (UFSJ), v. 19, p. 61-71, 2011.

CORREIA, N. M.; SANTOS, E.; FRANÇA, F. A percepção de histórias infantis em uma escola de Ensino Fundamental de Feira de Santana. In: **II Congresso Nordestino de Extensão Universitária, 2010, Recife. Cidadania e Sustentabilidade: desafios, caminhos e soluções**. Campina Grande: Realize Editora, 2010. v. único.

DELLA FONTE, S. S. Amor e Paixão como facetas da educação: A relação entre escola e apropriação do saber. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 22, p. 327-42, 2007.

DIAS, M. de L. **O clima de escola visto pelos alunos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta de Lisboa. 2007.

ESOPO. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.

EVANGELISTA, M. G.C. **A violência na escola como um sintoma do mal-estar juvenil e institucional na pós-modernidade: a voz do(c)ente**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 2012.150p.

FERREIRA, R. **Educação financeira das crianças e adolescentes**. São Paulo: Escolar Editora, 2013.

FRAIMAN, LEONARDO. **A importância da participação dos pais na educação escolar**. Dissertação de Mestrado.

Universidade de São Paulo. 1997. 142p.

LAMAS, K.; PEREIRA, S.; BARBOSA, A. Orientação Profissional na Escola: uma pesquisa com intervenção. **Psicologia em pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 60-68, 2008.

NUNES, R.; OLIVEIRA, C.; FELIZOLA, M.; SOARES, M. Aspectos contemporâneos da educação: televisão e escola, uma interação possível. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2009.

OLIVEIRA, J.B.A.; SCHWARTZMAN, S. **A escola vista por dentro**. Belo Horizonte: Alfa Educativa Editora, 2002.

PEREIRA, L. T. K. O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso. **World Conference on Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century - UNESCO**, Lisboa, v. 01, p. 01, 2006.

PIRES, O. da S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias: Um caminho para formação de leitores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina. 2011. 133p.

ROCCO, M. T.F. O que pode a escola diante do fascínio da TV? **Portal do Governo do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_053_a_062.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SANTOS, E.; FRANÇA, F. Leitura de fábulas em sala de aula. **Revista Graduando**, v. 4, p. 13-23, 2012.

SANTOS, J. **Escola e família: dois mundos, uma finalidade**. Dissertação de

Mestrado. Universidade de Lisboa, 2009. 73p.

SOUZA JUNIOR, W. **A Criança e o consumo na escola**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. 2009, 102p.

WHITAKER, M.A.; WHITAKER, D.C.; AZEVEDO, T.C.M. O Tanque do bombeiro: um estudo sobre abstrações reflexivantes em crianças da pré-escola frente à física dos fluidos. **Física na Escola**, v. 3, n.1, p. 30-34, 2002.